

Preceitos Contra o Café

Muitas das coisas boas da vida são proibidas pelos tabus. Foram eles criados nos tempos primitivos, em que o homem vivia aterrorizado pelas forças da natureza, cuja origem não sabia explicar.

O homem civilizado, depois de uma marcha de mais de quarenta séculos pela história, libertou-se dos tabus crus e sanguinários. Mas substituiu-os pelos prejuízos e pelos preconceitos. Uns são transmitidos de fora, inculcados na mente do infante e perduram pela vida afora. Outros são formados à luz de uma experiência imperfeita ou de errada conclusão científica.

É um paradoxo falar em preconceitos científicos. Mas há. A ciência positiva exerce, hoje em dia, sobre os homens, com as facilidades dos meios de divulgação, império; não igual, pois lhe falta o caráter religioso, mas parecido aos dos tabus de outrora.

Quando o café foi descoberto e o seu uso se espalhou pelo mundo, o homem se encontrava em estado muito adiantado da cultura, pois, já então, despontava o Renascimento que foi um grande movimento de libertação do espírito humano. Ao café não se legaram os tabus que existiram, digamos, contra o vinho descoberto pelo homem ainda quando se encontrava nos albos da idade agrícola. Mas a reação contra o suco de vinha fermentada foi tamanha que, ainda no século IX, Mahomet o proibiu aos adeptos de sua doutrina. Foi mesmo essa guerra contra o vinho que facilitou a expansão do café pelo Oriente Próximo, nos séculos XIV e XV. Em relação ao café, os tabus foram substituídos pelos preconceitos que são os tabus modernos. Alguns deles, criados por médicos, assumem as proporções de postulados científicos. E verdade que há também médicos que se colocam em posição contrária. E defendem o café com os melhores argumentos. Mas os primeiros falam ao médo, que é um instinto, ao passo que os segundos falam à razão. E nesta marcha secular da razão contra o instinto, que constitui a própria história da libertação espiritual do homem, a razão vence, mas muito lentamente, pois, no subconsciente, sempre ficam as forças que agem de maneira subterrânea.

Disse acima que o islamismo favoreceu a divulgação do café no Oriente. E verdade. Mesmo, porém, dentro da religião de Mahomet, houve a reação dos wahabitas, que são uma espécie de protestantes da religião muçulmana. São pela obediência cega aos textos do Corão. E como este não fala nem em café nem em tabaco, como poderiam os fiéis — perguntavam-se eles — dar-se às delícias da perfumada bebida, ou ao gozo babado dos cigarros e cachimbos?

Houve, assim, perseguições religiosas, como também políticas, contra o café, tanto no Oriente quanto no Ocidente. O nome primitivo da semente era "bun", "bon" ou "buna". O nome "café" foi um acréscimo que lhe foi adotado pelos povos e adotado pelo povo. Na verdade, "kah-weh", no velho árabe literário, significa vinho. E sendo vinho, embora estimule sem embriagar, haveria de contar com a oposição de alguns sacerdotes, de alguns moralistas e de todos aqueles que não querem que os homens levem vida regalada, neste vale de lágrimas.

Mas houve outros preconceitos, além dos puramente religiosos e políticos. O café criou a casa de degustação cuja função social e política se enuncia nos séculos XVI, XVII e XVIII. Nelas, os homens ficavam até tarde, entretidos em conversas e discussões de toda sorte. Quando voltavam à casa, noite adentro estavam fatigados e não despertavam as caras-metades. Estas co-



Residência do guarda-livros da Fazenda «São Luiz», em Ipaçu, de propriedade do nosso diretor Sr. Aarão Borba de Moraes, ornamentada exteriormente com «gumbê» e «buchos», plantas que oferecem à nossa visão, rara beleza.

meçaram a sentir-se injuriadas. Daí, a famosa «Petição das Mulheres contra o Café» de 1674, na Inglaterra. «Ela (a bebida) diziam as peticionárias, gasta a força viril dos homens e torna-os tão áridos como as areias da Arábia, de onde dizem que veio esse grão maldito; e que se se perseverar nesse gosto funesto, os descendentes dos nossos robustos antepassados não serão em breve mais do que uma verdadeira raça de miseráveis macacos e pigmeus».

Carlos II aproveitou a deixa. De há muito que as casas de café causavam

perturbações políticas no reino. E mandou fechá-las, nas vésperas do Natal do ano seguinte de 1675.

Mais ou menos naquela época, estava o café a penetrar na Alemanha. Aconteceu, porém, que, entre 1633 e 1639, um certo Adam Olearius viajara a Moscou e à Pérsia como secretário de uma missão enviada pelo Duque de Holstein. E no seu relato de viagem, publicado pouco depois, afirmou que o café «destruia a força profílica do homem e que, por esse mo-

